

5 – A advertência de Mateus contra os fariseus continua válida, se pensarmos no espírito de sua mensagem. Mesmo os cristãos podem cair no erro de viver uma espiritualidade formal e vazia, preocupados apenas em cumprir normas e obrigações e, no entanto, omitindo a prática da misericórdia e da justiça a todos, sem distinção. A tendência, cada vez maior, das comunidades cristãs atenderem apenas aos seus adeptos, reflete a prática farisaica, pois nega aos pobres e excluídos a realidade do reino de Deus, que é superior à adesão a uma determinada denominação cristã.

Como conclusão, percebe-se que os conflitos geradores da identidade cristã – ao menos na comunidade de Mateus – em parte são produções que procuram reforçar o controle sobre o grupo, num momento em que sua existência é frágil e sofre diversas restrições. Mesmo assim, o cristianismo atual não precisa mais reforçar esse sentimento de medo e hostilidade, não só em relação aos judeus, mas a outros grupos religiosos – lembremos que vivemos tempos de hostilidade com grupos islâmicos, tão ou ainda mais fortes que as antigas rivalidades com os fariseus. O mesmo se dá em relação aos grupos afro e indígenas, de matizes populares e sincréticas.

Para uma reflexão posterior, algumas questões relevantes podem ser levantadas, como o papel do conflito como mobilizador do grupo e não necessariamente uma verdade absoluta desse grupo; o porquê das diferentes comunidades terem reforçado a disputa contra os fariseus; e principalmente a possibilidade de dialogar com confissões diferentes da nossa, tendo como ponto de partida que hoje somos uma força dominante, especialmente no cenário ocidental. Esperamos poder retomar essas reflexões.

Referências bibliográficas

BORN, A. van den (Dir.). *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

FLUSSER, D. *Jesus*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

GARCIA, P.R. *O Sábado do Senhor teu Deus*. O Evangelho de Mateus no Espectro dos Movimentos Judaicos do I Século. Tese doutoral. São Paulo, UMESP, 2001.

KOESTER. *Introdução ao Novo Testamento 2*. História e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.

MAZZAROLO, I. *Evangelho de São Mateus*. Ouvistes o que foi dito aos antigos...? Eu, porém, vos digo...! Coisas velhas e coisas novas! Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2005.

MERZ, A.; THEISSEN, G. *O Jesus Histórico*. Um manual. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

OVERMAN, J.A. *O Evangelho de Mateus e o Judaísmo Formativo*. O mundo social da comunidade de Mateus. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

SALDARINI, A. *Fariseus, Escribas e Saduceus na sociedade palestinese*. São Paulo: Paulinas, 2005.

STEGEMANN, E.W. *História Social do protocristianismo*. Os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Paulo: Paulus, São Leopoldo: Sínodal, 2004.

MARTA E MARIA, DIFERENTES NÍVEIS DO CONFLITO

Isidoro Mazzarolo

Introdução

O conflito entre Marta e Maria pode representar uma certa provocação aos muitos que, ingenuamente, elogiam o trabalho serviçal, a atividade doméstica e a disposição em servir, por servir, mesmo sem muito pensar. Em muitos encontros de formação, de grupos paroquiais e outras formas de atividades participativas, não faltam os destaques a quem se dedica a trabalhos na cozinha, na limpeza de banheiros ou na preparação dos ambientes – essas são as “Martas”. Algumas vezes essa se torna uma realidade palpável. No entanto, o encontro de Jesus com Marta e sua irmã Maria revela um nível mais profundo de conflitos que podem ser de natureza cultural, ideológica ou eclesial. Porque Maria escolheu a melhor parte? Servir não é importante? Quem está, culturalmente, no lugar de Marta? Maria, a quem representa?

O contexto do Evangelho de Lucas

Em rápidas palavras, vale afirmar que o Evangelho de Lucas foi escrito por um discípulo de Paulo e, talvez, pelo único escritor do Novo Testamento, de origem grega. Lucas matiza o Evangelho de Jesus Cristo com seu estilo helenístico e um olhar ecumênico, próprio de seu grande mestre, Paulo.

As viagens missionárias, ainda que permeadas por peripécias, conflitos e dificuldades, foram essenciais para a implantação do cristianismo no mundo Ocidental. A inculturação do Evangelho no ambiente greco-romano representou a capacidade dos evangelizadores e a flexibilidade de suas mentes às realidades diversas encontradas. Adaptar o Evangelho era *escutar, acolher e conhecer* antes de agir. Esses pré-requisitos foram fundamentais para que os “pagãos” se sentissem acolhidos e, por sua vez, acolhessem a Boa Nova. Os gregos e os romanos estavam imersos em crenças e posições religiosas múltiplas, e isso favorecia a recepção de mais religião. Essa abertura ao novo criava, por sua vez, dificuldades de afunilar depois em uma religião única, no caso, o cristianismo.

Lugar do texto no contexto

A perícopes 10,38-42 fecha o c.10, no entanto, está na abertura de uma grande unidade na obra lucana que é o *êxodo de Jesus no caminho para Jerusalém*. A grande viagem se inicia em 9,51, com a saída da Galileia e termina em 19,28 com a subida para Jerusalém e a chegada a Betfagé.

Nessa grande viagem, considerada por muitos autores como um “desvio”, visto tratar-se da grande missão entre os samaritanos (quase toda matéria própria de Lucas). Jesus faz a grande missão entre os excluídos e marginalizados pelos judeus ortodoxos, especialmente no período pós-exílico com a reforma de Esdras (cf. Esd 9–10). Essa grande viagem marca de modo singular o perfil de Jesus no Evangelho de Lucas, chamado o Evangelho sociológico, dos pobres, das mulheres e da inclusão.

O capítulo 10 se constitui numa nova fase da missão. Não são mais 12, mas 84 que vão em missão, pois são agregados outros setenta e dois (10,1). Esse número revela uma superação do paradigma tradicional dos 12. O número 70 indicava a tipologia do número de participantes do sínédrio, somando-se a figura do sumo sacerdote e do rei, os quais tinham cadeira cativa. Esse número de oitenta e quatro demonstra a superação do judaísmo e a inclusão de novos membros na equipe missionária, inclusive muitas mulheres (8,1-3). Jesus entre os samaritanos é Jesus entre os excluídos e marginalizados. O paralelismo pode ser buscado na missão de Paulo e seu grupo entre os greco-romanos. Eles eram considerados como excluídos da graça e da salvação por não seguir ritos e costumes judaicos. A missão para fora, de Jesus entre os samaritanos, é paralela com a missão de Paulo entre os gregos.

Outro aspecto importante a ser considerado é a pergunta do *legista (nomikós)* a Jesus sobre o que fazer para herdar a vida eterna (10,26). Jesus pede para que ele cite os fundamentos da Lei, e ele responde como os dois primeiros mandamentos: O amor a Deus e o amor ao próximo se torna a síntese da Lei (Lv 19,18; Dt 6,5).

O contexto literário de Lc 10,38-42

A perícopos imediatamente antecedente é a Parábola do Bom Samaritano (10,29-37) e a imediatamente subsequente é a oração do Pai-nosso (11,1-4). O Bom Samaritano contrasta radicalmente com as práticas judaicas no que concerne à caridade e à solidariedade com pessoas feridas, doentes ou em situações de emergência. As leis e os preconceitos quanto ao puro e impuro impediam a caridade, assim é o comportamento do sacerdote e do levita que se encontram no mesmo cenário do Samaritano.

Para os judeus ortodoxos, a Lei (as tradições) está acima da caridade e do amor; era mais importante salvar os costumes do que salvar a vida. Ao samaritano era mais urgente a vida do que os costumes. Na oração do Pai-nosso Jesus insiste na unidade de condições e necessidades, sem segregação ou diferenças. Se o Pai é comum, também a mesa deve expressar essa comunhão.

O pré-texto e a sociologia em Lc

O Evangelho de Lucas está inserido no ambiente greco-romano, portanto, fora de Israel. Lucas, como companheiro de Paulo e missionário entre os “gentios”, percebe a abertura da cultura helenística à novidade.

A cultura grega era muito aberta ao novo, ao desconhecido e até ao desconcertante. Dois exemplos neotestamentários ilustram essa postura grega de acolhido ao diferente, ainda que depois pudesse rejeitar, mas isso, não antes de ouvir. No Evangelho de João, enquanto os judeus querem matar Jesus (Jo 11,45-54), os gregos se dirigem a Fi-

lipe e pedem para ver Jesus (Jo 12,20); outro episódio é encontrado enquanto Paulo prega na ágora de Atenas – ao ouvir alguém falar coisas interessantes na praça, os filósofos decidem convidá-lo a falar no areópago, pois queriam saber em primeira mão as novidades por ele anunciadas (At 17,16-34). Por ser grego de origem, Lucas sabia bem tratar essas questões segundo o perfil dos seus leitores e ouvintes.

Como substrato anterior ao texto, temos esses dois universos: o mundo grego e o mundo judaico, que no início do cristianismo se apresentam como antagônicos no contexto religioso e sociológico, os quais constituem um pano de fundo para a análise das figuras de Marta e Maria.

As tradições dos judeus e o cristianismo nascente

Uma análise sinótica dos quatro evangelhos nos revela uma apologese muito acentuada do judaísmo com o cristianismo. Por um lado está o cristianismo, que se apresenta como uma grande novidade e com muitas alternativas diferenciadas das propostas anteriores, e, do outro, está o judaísmo com as tradições dos antepassados, conservadores e receosos de perder a base de sua religiosidade, de suas tradições e cultura.

As controvérsias, no Evangelho de Mateus sobre a comunhão com os pecadores, o jejum, as doenças e curas (Mt 8–9) são aspectos reveladores de dificuldades dos judeus em olhar de modo diferente sobre a realidade da vida. Os judeus cuidavam muito do lado exterior, daquilo que pode ser visto e notado pelos outros. A essa postura “de fachada” Jesus pronuncia um dos “ais”, em virtude das contradições que essa forma de comportamento expressa, pois cuida-se do lado de fora, mas se negligencia o interior, a exemplo de uma sepultura (Mt 23,27-28). No miolo do Sermão da Montanha Jesus ensina com toda a maestria que é mister dedicar um cuidado especial aos dois lados da vida e do comportamento, a fim de haver coerência e sustentabilidade à manifestação externa, assim a oração, o jejum, o verdadeiro tesouro são os que estão escondidos, vivenciados e alimentados no segredo, no silêncio e no mais profundo do ser (Mt 6,16-23).

Os conflitos entre cristãos e sinagoga se acentuam nas últimas décadas do final do primeiro século dC, especialmente depois da queda do templo de Jerusalém.

Judaísmo e helenismo na missão de Paulo e Lucas

Os gregos tinham um princípio para distinguir pessoas livres e escravas: o conhecimento (gnôsis). Uma pessoa que tivesse seus dotes intelectuais desenvolvidos era considerada livre e aceita na comunidade, sem restrições quanto à sua procedência. O chamado “cosmopolitismo” era a porta de entrada para a cidadania grega, mas condicionada aos seus conhecimentos¹.

A ética grega era uma questão pessoal e muitos faziam seus próprios códigos. Para os estoicos, a ética, no entanto, era mais que uma questão individual, era uma busca pela virtude (*arêté*) a qual tinha como meta o *homem bom*, o *ser humano perfeito*.

1. MAZZAROLO, I. *O Apóstolo Paulo, o grego o judeu e o cristão*, p. 46.

*moralmente*². Os gregos eram abertos à novidade e contrastavam bastante com o judaísmo, mesmo dentro das comunidades cristãs. Na comunidade cristã da Antioquia (Síria) surge um conflito interno originado por “alguns da Judeia” que diziam: “Se não vos circuncidardes segundo a norma de Moisés, não podereis salvar-vos” (At 15,1). Outros fariseus, que haviam abraçado a fé, acrescentavam ser imperativo que os pagãos se fizessem circundar e observassem a Lei de Moisés (At 15,5). Sabemos que a circuncisão compreendia a submissão a todo o conjunto de normas éticas judaicas, desde o rito em si até a observância dos alimentos, contatos com outras pessoas, comportamento social e práticas culturais.

O paradigma dessas duas culturas está patenteado na parábola do *bom samaritano* (Lc 10,25-37). O doutor da Lei que interroga Jesus conhece os prováveis 613 preceitos das tradições, assim como o Levita e o Sacerdote da parábola. Assim, escondidos atrás da Lei, ficava fácil evadir-se da caridade, da compaixão e da acolhida. O samaritano está no horizonte do universo pagão enquanto que o levita e sacerdote representam o mundo judaico. Estando na sequência imediata, no texto de Lucas, podemos ver uma evolução da ironia lucana com relação ao comportamento legalista judaico e o descaso, quase absoluto, da acolhida e do afeto³.

O texto de Lc 10,38-42

³⁸ *E aconteceu que, estando eles a caminhar, entrou Jesus numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o acolheu.* ³⁹ *Essa tinha uma irmã chamada Maria, a qual, tendo assentado também aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra.* ⁴⁰ *Marta, porém, andava empenhada em muitos serviços; e, detendo-se, disse: Senhor, não te incomodas que minha irmã me deixe só a servir? Dize-lhe, pois, que me ajude.* ⁴¹ *E respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás fatigada e angustiada com muitas coisas, mas uma só é necessária.* ⁴² *E Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.*

As atitudes de Marta e Maria

Em primeiro lugar, Marta é quem recebe o visitante, mas depois se ocupa com os afazeres da casa. Maria chega depois e se ocupa com o hóspede. Marta não apenas “abandona” o hóspede, como também reclama da irmã que banca a “preguiçosa” batendo papo e escutando suas notícias.

Marta é eficiente em fazer coisas, arrumar, limpar e preparar um ambiente, mas faz isso com extremo aborrecimento e mau humor diante da irmã que está atendendo o visitante. Muitas coisas, ainda que bem feitas, podem perder seu valor quando realizadas com raiva, ódio ou com o sentimento de obrigação involuntária. O que Marta faz pode ser que, no final das contas, não seja necessário. Se ela está preparando a comida, arrumando um quarto para o hóspede descansar, mas ela não perguntou se ele vai ficar ou não, é possível que, quando tudo está preparado, ela o convida para tomar o espaço, ele

2. MAZZAROLO, I. Idem, p. 96, citando JEVONS, F.B. Hellenism and Christianity, in: *Harvard Theol. Review*, 2 (1908), p. 175.

3. MAZZAROLO, I. *Lucas, a antropologia da Salvação*, p. 161.